



**FAVELA COMO ESPAÇO FEMININO EM CONCEIÇÃO EVARISTO E  
ELIZANDRA SOUZA**

**FAVELA AS A FEMALE SPACE IN CONCEIÇÃO EVARISTO AND ELIZANDRA  
SOUZA**

Ana Araújo Vázquez<sup>1</sup>

Recebido em: 24 set. 2020.

Aceito em: 10 jan. 2021.

DOI: 10.26512/aguaviva.v6i1.38322

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar a representação da mulher negra no romance *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, e no poema *Favela, Mulher!*, de Elizandra Souza, apontando para a importância do uso da figura feminina como símbolo representativo da favela — geralmente representada como lugar da dominação, da violência e da marginalidade masculina e da fragilidade e vitimização das mulheres. Analisa como o ato literário das autoras discutidas notabiliza não só a importância da mulher como agente de preservação da memória e identidade dos afrodescendentes no Brasil, como também evidencia o papel político e cultural desempenhado pelas próprias autoras enquanto escritoras negras, vindas das margens do nosso sistema literário elitista, branco e masculino.

**Palavras-chave:** Representação literária. Representação de mulheres. Literatura de autoria feminina. Escritoras negras. Literatura afro-brasileira. Literatura marginal.

**ABSTRACT:** This paper looks into and compares the representation of black women in the novel *Becos da Memória*, by Conceição Evaristo, and the poem *Favela, Mulher!*, by Elizandra Souza, and notes the importance of the use of feminine figures as representative symbols of the *favela* — usually represented as a place of male domination, violence and exclusion *versus* female fragility and victimization. The paper also analyses how the literary performances of the two woman writers highlight not only the relevance of women as agents of preservation of afrodescendants memory and identity in Brazil, but also the political and cultural role played by themselves as black women and black writers coming from the margins of our white, male and elitist literary system.

**Keywords:** Literary representation. Representation of women. Women writing. Black women writers. Afro-Brazilian literature. Marginal literature.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Literatura no Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília (PósLIT/UnB). Possui graduação em Letras - Tradução pela Universidade de Brasília (2013).



O presente artigo tem como objetivo analisar a representação da mulher negra no romance *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, e no poema *Favela, Mulher!*, de Elizandra Souza, apontando para a importância do uso da figura feminina como símbolo representativo da favela — geralmente representada como espaço masculino, lugar da dominação, da violência e da marginalidade de homens em contraste com a fragilidade e a vitimização de mulheres.

*Becos da Memória* é o primeiro romance de Conceição Evaristo, escrito entre 1987 e 1988, mas publicado somente em 2006, depois da publicação de *Ponciá Vicêncio* (EVARISTO, 2013, p. 13). A obra narra o drama de um desfavelamento sob a perspectiva de Maria-Nova, uma menina que anda pelos becos da favela onde vive “recolhendo” as histórias dos seus familiares e vizinhos para juntá-las todas numa reescritura da história da favela quando se torna adulta.

Conceição Evaristo é, hoje, uma das escritoras negras mais conhecidas da literatura brasileira contemporânea e importante referência para a literatura afro-brasileira (MACHADO, 2014, p. 262). Militante do movimento negro desde a década de 70, e colaboradora dos *Cadernos Negros*, publicação de literatura do grupo paulista Quilombhoje, desde 1990, Evaristo é doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense e produz também reflexões de cunho acadêmico sobre literatura negra brasileira e literatura africana (MACHADO, 2014, p. 244).

Muito já foi dito sobre como a história de Maria Nova, de *Becos da Memória*, se confunde com a própria história de Conceição Evaristo (MARINGOLO, 2014; LANGA, 2015; PONCE e GODOY, 2016). Sobre isso, a própria autora afirma que *Becos da Memória*, conquanto não seja um livro de memórias, é “uma criação que pode ser lida como ficções da memória” (EVARISTO, 2013, p. 13), e que a obra foi seu primeiro experimento de criação ficcional “(con)fundindo escrita e vida”, tendo representado, talvez, uma busca inicial inconsciente pela poética da *escrevivência* que a autora viria a desenvolver.

*Escrevivência*, termo que Evaristo cunhou para descrever sua escrita e sua escritura, é a poética que a autora desenvolveu como parte inerente de sua condição de mulher negra. No texto *Da Grafia-Escrita da Minha Mãe, um dos Lugares de Nascimento da Minha Escrita*, a autora conta o processo de nascimento da sua escrita a partir do costume que sua mãe, lavadeira, tinha de desenhar o sol no chão em dias de chuva para chamar o astro e espantar a umidade que



impedia que as roupas das patroas secassem. Evaristo descreve da seguinte forma a importância que teve para ela esse ritual:

“Na composição daqueles traços, na arquitetura daqueles símbolos, alegoricamente ela imprimia todo o seu desespero. Minha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele, assim como os artistas das culturas tradicionais africanas sabem que as suas máscaras não representam uma entidade, elas são as entidades esculpidas e nomeadas por eles. [...] Nossos corpos tinham urgências. O frio se fazia em nossos estômagos. Na nossa pequena casa, roupas molhadas, poucas as nossas e muitas as alheias, isto é, as das patroas, corriam o risco de mofarem acumuladas nas tinas e nas bacias. A chuva contínua retardava o trabalho e pouco dinheiro, advindo dessa tarefa, demorava mais e mais no tempo. Precisávamos do tempo seco para enxugar a preocupação da mulher que enfeitava a madrugada com lençóis arrumados um a um nos varais, na corda bamba da vida. Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?” (EVARISTO, 2007, p. 17).

Ainda sobre a ligação entre sua escrita e a vida, Evaristo afirma:

“Mas digo sempre: creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite” (EVARISTO, 2007, p. 20).

Essa profunda conexão entre escrita e memória pode ser entendida como a base da tríade de características fundamentais que Eduardo de Assis Duarte identifica na literatura afro-brasileira: temática, voz autoral e ponto de vista (DUARTE, 2011). Para Octavio Ianni, a literatura afro-brasileira é aquela que aborda o sujeito afrodescendente como “[...] universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura” (IANNI apud PONCE e GODOY, 2016, p. 20), performando, dessa forma, um resgate histórico, cultural e religioso dos negros no Brasil.

Assim como a temática, a voz autoral, estando enraizada em uma “condição e experiência negra no Brasil” (EVARISTO apud PONCE e GODOY, 2016, p. 21), leva os textos



de literatura afro-brasileira a ecoarem, através da voz e das histórias individuais de um autor ou das suas personagens, uma voz coletiva. Nesse sentido, a poética da *escrevivência* de Evaristo, assim como a própria figura de Maria Nova no romance *Becos da Memória*, sua identificação com a missão de não deixar se perderem as memórias e histórias das pessoas que moraram com ela naquela favela desocupada e portanto, apagada da História, são exemplo da voz autoral que se propõe representar a coletividade a partir de experiências de vida reais e compartilhadas pela comunidade afrodescendente.

A instância do ponto de vista, de igual modo, entendido como o “universo axiológico vigente no texto, ou seja, o conjunto de valores que fundamentam as opções até mesmo vocabulares presentes na representação” (DUARTE, 2011, p. 391), implica que se assume, nos textos de literatura afro-brasileira, “um olhar que fuja dos estereótipos reforçados ao longo da história pelos discursos que tendem a marginalizar tudo o que não se enquadra à norma dominante” (PONCE e GODOY, 2016, p. 22).

Em *Becos da Memória* podemos facilmente perceber como Conceição Evaristo articula essas três dimensões – temática, voz autoral e ponto de vista – para compor personagens e descrever sua relação com o espaço da favela de forma a não corroborar representações estereotipadas e opressoras dos afrodescendentes:

Ao propor um olhar da favela que parta de dentro, e não de fora, a autora apresenta personagens complexas que não são vistas e descritas pelas nuances de deslumbramento ou terror advindos do exotismo, mas que se individualizam pelos seus conflitos, pela problematização do espaço em que vivem e pelas memórias que trazem consigo (PONCE e GODOY, 2016, p. 22).

E é Maria-Nova, uma criança e, além disso, uma criança do gênero feminino, quem personifica a voz coletiva afro-brasileira na favela de *Becos da Memória* e também a tarefa de propor novas representações dos sujeitos negros. Na sua tarefa auto imposta de recolher, guardar na memória e mais tarde registrar as histórias ignoradas pela História oficial, Maria-Nova age como um griô moderno. O griô é “o membro mais experiente e mais velho da comunidade, aquele responsável por transmitir as histórias do passado e por guardar a memória coletiva em um tempo no qual [...] o arquivo da memória era a lembrança dos mais novos”



(MARINGOLO, 2014, p. 28). O griô é a figura que, assegurando a permanência das histórias e da História da sua comunidade, garante a sua sobrevivência cultural e identitária.

O romance de Evaristo é povoado também por outros griôs: Bondade, Tio Totó, Maria Velha, Vó Rita. Essas personagens representam de forma clara a figura do ancião responsável pela transmissão da memória coletiva pelas gerações nas culturas africanas. No entanto, no contexto brasileiro, o griô pode ter o potencial de simbolizar mais que a conservação da memória e da cultura, mas também pode representar a resistência e contestação das comunidades afrodescendentes às imposições da cultura e das instituições brancas dominantes: a narrativa dos griôs afro-brasileiros tem uma missão diferente da dos africanos. Não é uma narrativa só de informação e preservação, mas também de resistência. Narrativa que tem que ultrapassar as barreiras do discurso dominante, a fim de apresentar o outro lado da História, pois, ao fazerem isso, dão às novas gerações a oportunidade de conhecerem sua verdadeira história e construir suas identidades. Ao narrarem suas memórias, formam e educam os mais novos para aprenderem a se defender da opressão do discurso oficial, e a lutar contra o preconceito. (FERREIRA *apud* MARINGOLO, 2014, p. 75).

Nesse sentido, Maria Nova, como “depositária de todos os *griots* da favela” e “herdeira da memória daqueles que já se foram” (MARINGOLO, 2014, p. 28/29), é a representante da resistência pela preservação da memória e da identidade, da construção de uma representação dos negros ao mesmo tempo inovadora e subversiva. Ao narrar as histórias soterradas na poeira levantada pelos tratores que derrubavam os barracos no desfavelamento, Maria Nova “recria os becos da favela” enquanto “passeia pelos becos da sua memória tentando encontrar os antigos moradores”. Ela torna-se assim, a porta-voz e corporificação dessa favela extinta, já que seus becos e as vozes que neles ecoavam agora só existem através da existência da menina narradora.

O caráter subversivo dessa figura infantil e feminina como representante do espaço e da realidade da favela é evidenciado no contraste com imagens associadas às favelas brasileiras em suas representações mais conhecidas: os meninos aliciados pelo crime e toda a violência de filmes como *Cidade de Deus* e *Tropa de Elite*, o mundo de miséria, drogas e violência de *Capão Pecado*, de Ferréz, o filho bandido e sua mãe sofredora em *Meu Guri*, de Chico Buarque. São imagens de um mundo masculino em que imperam o crime, comportamentos e ambientes violentos, a brutalidade e a vitimização e fragilização das mulheres-mães (e adolescentes grávidas) pela dureza da realidade.



Nesse universo, as mulheres são, quase invariavelmente, personagens secundárias, parte do pano de fundo da realidade das favelas, empregadas domésticas ou trabalhadoras em subempregos, oprimidas, silenciadas e subjugadas por seus patrões e patroas, representando a vítima que seus filhos desejam salvar ou a personificação de fraqueza de que eles querem se afastar — em contraposição às figuras fortes, poderosas e dominantes (tanto socialmente quanto em termos de narrativa) dos homens chefes do tráfico, policiais ou outras figuras de autoridade (ZOLIN, 2006).

Outro exemplo de uso da figura feminina como principal símbolo de representação da favela, de forma talvez mais explícita, é o poema *Favela, Mulher!*, de Elizandra Souza, reproduzido abaixo:

Favela, mulher corajosa!  
Nem criança, nem idosa  
Nas mãos flores e lanças  
No olhar constante esperança  
Favela, mulher maravilhosa!  
Nem arrogante, nem orgulhosa  
Muitas vezes parceira na dança  
Outras solitária nas andanças  
Nas escadarias de tua geografia  
Correndo feito menina  
Seu sorriso espada que desafia  
No coração passou parafina  
Abraça o caráter que não desfia  
Já a face encharcou de purpurina (SOUZA, 2008)

Elizandra Souza é uma escritora negra, participante dos movimentos de saraus de poesia da periferia de São Paulo, identificados com a chamada literatura marginal ou literatura periférica. Sobre todas as possíveis discussões em torno desses adjetivos e das poéticas que nomeiam, João Camillo Pena comenta: “Na ordem de aparição em cena: *literatura negra*, *literatura marginal*, *literatura periférica*. [...] há uma coisa que une todos esses adjetivos [...], uma experiência comum de exclusão, um dano uma queixa (no sentido jurídico da palavra), uma oofensa, uma injúria” (PENA, 2015, p. 13). Não importa qual o adjetivo que anexemos à sua literatura, Elizandra Souza costuma tratar em seus poemas o tema da mulher em seu processo individual ou coletivo de empoderamento e da problematização das relações raciais em seu recorte com relações de gênero.

O poema *Favela, Mulher!* foi escolhido como um dos objetos desse estudo pela proximidade que apresenta com o romance de Conceição Evaristo visto sob o enfoque proposto



aqui, da representação da mulher apresentada como símbolo da favela em contraposição às representações mais usuais, associadas ao universo masculino. No poema, assim como no romance, a figura feminina é colocada como símbolo que representa a favela, usualmente apresentada como espaço de dominação masculina, como dito anteriormente. A relação metafórica entre a favela e a mulher enquanto símbolo fica clara nos primeiros versos das duas primeiras estrofes: “Favela, mulher corajosa!/[...] Favela, mulher maravilhosa!”.

Mas é nos seguintes versos que podemos perceber uma relação mais estreita entre os dois textos: “Nas escadarias de tua geografia/ correndo feito menina [...]”. Aqui podemos entrever a imagem de Maria Nova subindo e descendo as escadarias da sua favela, entre seu eu criança e seu eu griô: “Quando eu estava para a brincadeira, preferia a ‘torneira de baixo’. [...] Lá estavam sempre a criança amiga, os pés de amora, o botequim da Cema, em que eu ganhava sempre restos de doces. Quando eu estava para o sofrer, para o mistério, buscava a ‘torneira de cima’” (EVARISTO, 2013, p. 28/29).

Quando Maria-Nova estava para o sofrer e ia para a “torneira de cima” isso significava que estava sedenta das histórias que as mulheres compartilhavam enquanto lavavam as roupas das patroas brancas. Esse elemento de alimentação da narrativa a partir de histórias contadas por mulheres aparece numa reflexão auto biográfica da própria Conceição Evaristo:

“Na origem da minha escrita ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma para outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias. Como ouvi conversas de mulheres! Falar e ouvir entre nós, era a talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos” (EVARISTO, 2007, p. 20).

Sobre esse compartilhamento de histórias entre mulheres, e seu caráter de preservação de memória e identidade resgatado por Evaristo através da personagem Maria-Nova e da própria narrativa de *Becos da Memória*, Cátia Maringolo nos lembra: “Faz-se importante notar o modo como a memória é passada de gerações em gerações dentro do espaço da casa, onde os membros familiares passam a maior parte do tempo, em especial os idosos e as crianças” e, por isso, “[é] dentro do espaço dito doméstico, privado, que grande parte das narrativas é tecida” (MARINGOLO, 2014, p. 30/31).

Como já foi amplamente discutido por teóricas feministas e dos estudos de gênero, o espaço doméstico, em contraposição ao espaço público dominado pelos homens, é “o lugar” da mulher. Maringolo (2014, p. 30) afirma que “tanto o racismo quanto o discurso sexista são



fatores interconectados e interligados que afetam as mulheres negras cotidianamente”. Dessa forma, “[a]s personagens de Evaristo são sintomáticas nesse sentido ao trazer à tona questões ligados ao espaço doméstico feminino, dando voz às mulheres negras, as suas contradições, dilemas e dificuldades”

A respeito desse aspecto de sua escrita, Evaristo também afirma:

“se inconscientemente desde pequena, nas redações escolares eu inventava outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de auto-afirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra” (EVARISTO, 2007, p. 20).

Nesse sentido, as personagens femininas dos romances de Evaristo, protagonistas ou não, e em particular Maria-Nova, sobre quem se debruça esse estudo, colocam em evidência o papel da mulher negra na manutenção da transmissão da herança oral histórica e cultural para as gerações seguintes e sua importância social para as comunidades negras com suas ações desempenhadas justamente a partir do espaço doméstico. Assim, tendo sido escritos a partir dessa auto consciência de “sujeito-mulheres negras”, o romance de Conceição Evaristo e o poema de Elizandra Souza representam a mulher negra como mulher autossuficiente, forte e afetuosa (mas não meiga conforme os ditames de feminilidade branca das elites) — mulher corajosa, endurecida e esperançosa, como descreve o poema de Elizandra Souza.

O perfil dessa mulher apresentada como metáfora representacional da favela por Evaristo e Souza destoa não só do perfil das representações usuais de mulheres negras (personagens via de regra escritas por autores não negros), mas também e principalmente do perfil de personagens mulheres protagonistas de obras de autoria feminina — em geral autoras brancas. Lúcia Zolin atesta que “durante quase toda a segunda metade do século XX, a ficção nacional escrita por mulheres desnudou, discutiu, questionou, pôs, enfim, na berlinda a legitimidade da dominação masculina e da conseqüente opressão feminina” (ZOLIN, 2006, p. 72). Como consequência desse projeto literário, se podemos chamá-lo assim, “a tradição literária de autoria feminina [...] representa figuras femininas oprimidas pela ideologia patriarcal que silenciava a mulher e lhe tolhia a liberdade” (ZOLIN, 2006, p. 70).



Helena Parente Cunha, após extensa pesquisa sobre a literatura de autoria feminina, também constatou que, em geral, essa literatura acaba reproduzindo representações machistas de mulheres, já que arquétipos, estereótipos e concepções subjugadoras sobre a mulher e sobre o feminino estão gravados em nossos registros inconscientes por “estratégias sub-reptícias da dominação”. Tais estratégias incluem as “violências simbólicas”, conforme defende Pierre Bourdieu, exercidas “de modo imperceptível e inconsciente, sob a égide do poder masculino e das relações de poder que instituíram, além das assimetrias de gênero” (CUNHA, 2011, p. 31).

É de extrema importância ressaltar, no entanto, que, conquanto a mulher negra esteja também sujeita às diversas formas de violência e imposições exercidas pela dominação masculina, essas violências e imposições têm significados para sua condição sujeito-mulher e implicações para as concepções de feminilidade diversos dos efeitos que esses elementos têm para a mulher branca. Em seu icônico texto *Enegrecer o Feminismo*, Sueli Carneiro aponta:

“Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. [...] Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou mulatas tipo exportação.

Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: ‘Exige-se boa aparência’.

Quando falamos que a mulher é um subproduto do homem, posto que foi feita da costela de Adão, de que mulher estamos falando? Fazemos parte de um contingente de mulheres originárias de uma cultura que não tem Adão” (CARNEIRO, 2011).

É dessa realidade que Evaristo está falando quando afirma:



“Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeiro a dos patrões, depois a dos homens seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como ‘cabeça’ da família, elas construíam um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e mormente para apoiá-los depois. Talvez por isso tantas personagens femininas em meus poemas e em minhas narrativas? Pergunto sobre isto, não afirmo” (EVARISTO, 2007, p. 19).

Evaristo afirma ainda que

escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação (EVARISTO, 2007, p. 21).

Por isso nota-se nas representações literárias de mulheres negras apresentadas aqui esse caráter de subversão das normas vigentes de representação feminina em nossa cultura dominada pelo patriarcado.

Com imagens de mulheres como Maria-Nova e a “favela-mulher”, Conceição Evaristo e Elizandra Souza estão propondo uma resposta para o questionamento de Elizabeth Badinter em *Rumo Equivocado*, em que a teórica francesa critica certa tendência dos movimentos e escritos feministas de focar sempre no tema da opressão da mulher e sua vitimização como forma de evidenciar as estruturas sexistas da sociedade. Nesse texto ela se pergunta: “Entre a mulher-criança (a vítima indefesa) e a mulher-mãe (em nome da necessidade da paridade) que lugar resta para o ideal de mulher livre com que tanto sonhamos?” (apud ZOLIN, 2006, p. 80).

Não estou sugerindo aqui que as mulheres dos romances de Conceição Evaristo sejam a representação desse “ideal de mulher livre”. Pelo contrário, não só Maria-Nova como todas as outras personagens mulheres de *Becos da Memória*, assim como de outros textos da autora, lidam diariamente com formas específicas de opressão de gênero e de raça e carregam em si as marcas de suas lutas. Da mesma forma, a mulher apresentada por Elizandra Souza em seu poema é, evidentemente, uma mulher que precisa enfrentar diversos desafios e injustiças.



No entanto, com sua característica fundamental de agentes de transformação da própria realidade e sujeito-mulher do próprio destino, as duas figuras femininas que analisamos aqui se mostram uma via alternativa de representação ao par mulher-criança/mulher-mãe (por mais que elas sejam uma criança e, provavelmente, uma mãe).

A representação “in subordinada”, para usar uma palavra da própria Conceição Evaristo, dessas mulheres não só contesta as representações tradicionais de mulheres, em especial de mulheres negras, sempre colocadas em posição de inferioridade e subordinação, como também propõe novas formas de representação feminina na literatura: mulheres fortes, não objetificadas, conscientes, e que não precisam agir como homens para agir sobre suas realidades (ZOLIN, 2006), que estão em paz com sua condição de mulheres e se colocam como sujeitos no mundo com todas as suas “especificidades de sujeito-mulher-negra”.

Esse ato literário das autoras aqui discutidas notabiliza não só a importância da mulher como agente de preservação da memória e identidade dos afrodescendentes no Brasil, como também evidencia o papel político e cultural desempenhado pelas próprias autoras enquanto escritoras negras, vindas das margens do nosso sistema literário elitista, branco e masculino. Sua escrita, subversiva e resistente, põe em prática a intimação de Evaristo: “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (2007, p. 21).

Tendo em mente a grande importância desses escritos em dar voz a essas mulheres, com tanto para contar e silenciadas por tanto tempo pela cultura dominante e pela História oficial, encerro este artigo com outro poema, de Conceição Evaristo, sobre essas vozes que resistiram e não se calaram, intitulado *Vozes-Mulheres*:

“A voz da minha bisavó ecoou  
criança nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.  
A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.  
A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado



rumo à favela.  
A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e fome.  
A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato”  
(EVARISTO, 2012).

## REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. 2011. Disponível em <http://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em 28 dez. 2016.
- CUNHA, Helena Parente (Org). **Violência simbólica e estratégias de dominação**: Produção poética de autoria feminina em dois tempos. Rio de Janeiro, Editora da Palavra, 2011.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. IN: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica, v. 4. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p. 375-403.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Editora Mulheres, 2013.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita. Em ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org). **Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- EVARISTO, Conceição. **Vozes-mulheres**. 2012. Disponível em <http://blogueirasfeministas.com/2012/11/vozes-mulheres-de-escritoras-e-intelectuais-negras/> (acessado em 28 de dezembro de 2016).
- LANGA, Ângela de Fátima. **A favela que não acabou**: memória e espaço em Becos da Memória, de Conceição Evaristo. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada). Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2015.
- MACHADO, Bárbara Araújo. Escre(vivência): a trajetória de Conceição Evaristo. **História Oral**, v. 17, n. 1, p. 243-265, jan./jun. 2014.
- MARINGOLO, Cátia Cristina Bocaiuva. **Ponciá Vicêncio e Becos da memória de Conceição Evaristo**: construindo histórias por meio de retalhos de memória. Dissertação



(Mestrado em Letras). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/115842>. Acesso em 01 ago. 2016.

PENNA, João Camillo. Margem entrevista. Em TENNINA, Lucía; MEDEIROS, Mário; PEÇANHA, Érica; HAPKE, Ingrid. **Polifonias marginais**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015.

PONCE, Eduardo Souza; GODOY, Maria Carolina de. Identidade e afro-brasilidade em becos da memória de Conceição Evaristo. **Identidade!** São Leopoldo, v. 21, n. 1, p. 18-32, jan.-jun. 2016.

SOUZA, Elizandra. **Favela, Mulher!** 2008. Disponível em [mjiba.blogspot.com.br/2009/02/favela-mulher-elizandra.html](http://mjiba.blogspot.com.br/2009/02/favela-mulher-elizandra.html). Acesso em 28 dez. 2016.

ZOLIN, Lúcia Osana. Inferno, de Patrícia Melo: gênero e representação. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 28, Brasília, jul/dez 2006, p. 71-86.